

Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros

Audrey Vidal Pereira

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre as imagens de enfermeiras e enfermeiros caracterizadas ao longo da história a partir de símbolos e rituais que ainda influenciam as relações de gênero. No século passado foi a enfermeira “religiosa” que identificou a profissão. Atualmente, tanto enfermeiras quanto enfermeiros, caminhando do empirismo e da técnica para a ciência, escrevem suas histórias contribuindo para construir imagens menos estereotipadas e relações de gênero menos díspares no trabalho cotidiano dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Imagem. Estigma. Enfermeiras e Enfermeiros.

Abstract: This article aims to reflect on the images of nurses and male nurses characterized throughout history from symbols and rituals that still influence the gender relations. In the last century was the “religious” nurse that identified the profession. Currently, both female nurses and male nurses moving from empiricism and technics for science, write their stories, helping to build less stereotyped images and less disparate gender relations in the everyday work of health services.

Keywords: Gender Relations. Images. Stigma. Female Nurses and Male Nurses.

Mestre em Ciências da Saúde - ENSP/FIOCRUZ. Enfermeiro. Professor Assistente. Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense - EEAAC/UFF. Correspondência: UFF: Rua Dr. Celestino no 74, Centro - Niterói-RJ. CEP: 24.020-091. E-mail: auviprof@yahoo.com.br.

¹ DAHER, D. V. *Por detrás da chama da lâmpada: a identidade social do enfermeiro*. Niterói-RJ: EdUFF, 2000, 141p.

² P E R E I R A , P . F . *Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional*. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2008.

³ FERNANDES, J. D., et. al. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* v. 10, n. 2, 2002, p. 199-206.

Introdução

Ao direcionar o foco de observação para as questões de gênero que permeiam a prática profissional de enfermeiras e enfermeiros, é possível encontrar a existência de inúmeros símbolos e ritos que marcam períodos históricos da profissão. Mesmo que atualmente esses rótulos não sejam percebidos da mesma forma por mulheres e homens que exerçam a profissão, pressuponho que ambos carreguem implícita ou explicitamente, imagens estigmatizadas e impregnadas de valores diferenciados, que marcam corpos e ainda influenciam as relações de gênero no âmbito sociofamiliar, mas principalmente no espaço do trabalho remunerado.

O objetivo desse estudo é refletir sobre as imagens de enfermeiras e enfermeiros construídas ao longo da formação e prática profissional e as correlações de estereótipos que suscitam implicações nas relações de gênero vivenciadas por estes trabalhadores. O interesse surge a partir de incômodos referentes ao uso deturpado dessas imagens pela mídia que acaba por reafirmar representações contraditórias da profissão para o senso comum. Ao longo de desencontros, diálogos tensos e percepções diferenciadas entre os próprios pares profissionais, o empenho reflexivo toma proporção significativa na medida em que são encontrados ecos possíveis de serem compartilhados na produção científica.

A busca por aprofundar conhecimentos sobre a temática diz respeito ao esforço de correlacionar a questão da imagem profissional às discussões de gênero, procurando realizar estudo que faça alusão concomitante à enfermeira e ao enfermeiro, pois a história da profissão consolidou distanciamentos profundos entre feminino e masculino. Encontram-se, estudos que utilizam tanto o conceito “enfermeiro no masculino”, fazendo referência à mulher-enfermeira e ao homem-enfermeiro¹, ou fazendo alusão de modo específico ao homem-enfermeiro²; quanto o conceito “enfermeira no feminino” direcionado prioritariamente à imagem da mulher-enfermeira³.

Entendo que a tentativa de aproximar discussões e correlacionar questões que dizem respeito tanto ao enfermeiro quanto à enfermeira numa perspectiva

de relações, encontra pertinência e terreno fértil nos estudos de gênero, pois acredito também, que as imagens de homens e mulheres afetam e são afetadas de modo diferenciado no espaço simbólico da enfermagem. Ao direcionar os olhos para a profissionalização/graduação, torna-se possível encontrar o uso de alguns símbolos e rituais que marcaram a vida de enfermeiras e enfermeiros de modo diferenciado, possibilitando repercussões nas relações de gênero na sociedade contemporânea.

Assim, acredito ser interessante compartilhar algumas questões: como a presença de símbolos e ritos correlacionados à história da enfermagem influencia a construção da imagem de enfermeiras e enfermeiros na sociedade? Quais são as aproximações e distanciamentos existentes entre imagens de enfermeiras e enfermeiros ao longo das gerações? Até que ponto imagens e estigmas identificados em registros históricos, e nos próprios veículos de comunicação, permanecem influenciando as relações de gênero existentes na prática profissional contemporânea de enfermeiras e enfermeiros?

A intenção é perceber estas diferenças como uma possibilidade de aproximação entre homens e mulheres, a fim de incentivar direções que ultrapassem a dicotomia dos sexos em busca de práticas profissionais mais flexíveis e inclusivas, visto que a construção histórica e social da profissão, além da marca registrada pelas desigualdades de gênero, permite atravessamentos de saberes políticos, econômicos e culturais conforme a demanda social de cada época.

Desta maneira, acredito que refletir sobre as possíveis correlações entre as imagens referentes à formação e prática de enfermeiras e enfermeiros a partir de recortes históricos que denunciem traços socioculturais, seja mais um dos fatores que contribua para sinalizar como e porque essas relações ainda são permeadas por diversidades, tensões e desigualdades no cotidiano da profissão, tanto nas relações entre enfermeiras e enfermeiros, quanto nas relações destes(as) com trabalhadores de outras categorias.

⁴ BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Rev. latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, julho 1999.

⁵ MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec., 2006.

Aspectos do Método

O presente estudo teve como inquietação a observação dos (des)encontros referentes às imagens de enfermeiros e enfermeiras identificadas a partir de publicações que façam recortes históricos sobre formação e prática profissional, e através de representações estigmatizadas realizadas pelos veículos de comunicação.

Os estudos históricos interessam à enfermagem, pois, a construção de uma memória coletiva possibilita a tomada de consciência do que somos e a (re) construção da identidade profissional permitindo um novo olhar sobre a profissão⁴.

Para pensar as possíveis implicações geradas por imagens de enfermeiras e enfermeiros em suas relações de gênero vivenciadas no dia a dia, foram realizadas intensas leituras que revisitaram a literatura publicada sobre a imagem desses profissionais, antes e após o advento da enfermagem moderna. A busca se deu através de publicações indexadas em bases de dados como Lilacs e Scielo, além de dissertações, teses e livros, que dizem respeito aos recortes da história da profissão descritos em pesquisas a partir da última década do século passado até o corrente ano.

Esse estudo apresenta características que se aproximam de uma Pesquisa Básica, pois se preocupa com o avanço do conhecimento ou com a satisfação da curiosidade científica, não tendo um objetivo prático embora suas descobertas possam influenciar avanços na consciência social⁵. Neste caso, diz respeito, ao uso de símbolos e cerimônias que identificaram e ainda estigmatizam imagens de enfermeiras e enfermeiros no cotidiano do trabalho profissional, influenciando as relações de gênero.

Assim, a discussão que se segue é introduzida por uma análise que procura correlacionar questões que fazem referência às relações de gênero e a divisão social e sexual do trabalho na sociedade a partir do advento do capitalismo. O prosseguimento se dá através de reflexões quanto ao uso de símbolos e signos que estereotiparam a imagem de enfermeiras e enfermeiros ao longo da história brasileira desde o início do século XX. Por fim, o esforço de correlacionar as implicações dessas

imagens às relações de gênero confirma o encontro de influências que suscitam tensões e desigualdades que permanecem no cotidiano da profissão, mas também permite compartilhar algumas pistas / suposições que contribuem como alternativa ou possibilidades de mudanças correlacionadas às reflexões futuras.

Discussão e Análise **– Relações de gênero e trabalho**

As relações de gênero devem ser entendidas a partir de uma visão ampla, que abrange as múltiplas relações sociais, organizações, discursos, símbolos e signos, se tratando de uma modelagem social não necessariamente referida ao sexo⁶. Estes elementos tanto instituem como são instituídos dialeticamente pelas respectivas relações, resultando em posicionamentos que formam uma complexa rede de interações e reações, que se articulam através de relações de poder e resistência entre as pessoas conforme a visão de grupos sociais que exterioriza intenções e ações diferenciadas em espaços de disputas.

Gênero, então, é um conceito que ignora o reducionismo da explicação biológica das diferenças entre homens e mulheres, e passa a percebê-las como produto de uma construção social e cultural, imbricadas, sobretudo, nas relações de poder.

Assim, a construção das relações de gênero se dá por meio das relações sociais, nas quais são percebidas tanto as manifestações biológicas e intelectuais, quanto as emocionais e culturais, sendo importante ressaltar que na sociedade contemporânea, o movimento feminista e os estudos de gênero têm contribuído com reflexões sobre os padrões construídos historicamente para homens e mulheres, além de captar as possibilidades de diferenças existentes nas relações vivenciadas na vida do dia a dia, inclusive no trabalho remunerado⁷. (Bruschini, 2007; Hirata, 2002; Hirata & Kergoat, 2007; Rotenberg, *et.al.* 2001; Brito, 1999).

⁶ SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, n.16, p.115-136, 2001.

⁷ O aprofundamento de reflexões pode ser encontrada in: BRITO, J. C. *Saúde, trabalho e modos sexuais de viver*. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 1999; BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p, 537-572, set./dez. 2007; HIRATA, H. Globalização e Divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu* (17/18), p. 139-156, 2002; HIRATA, H. & KERGOAT, D. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007; e ROTENBERG, L. et. al. Gênero e trabalho noturno: sono, cotidiano e vivências de quem troca a noite pelo dia. *Cad. Saúde Pública*, 17(3): 639-649, mai./jun., 2001.

⁸ THOMPSON, E. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

⁹ HIRATA, H. & KERGOAT, D. op.cit..

¹⁰ ROSA, R. de M. A diferença que faz diferença. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, v. 1, n. 1, p.5-14, 30 mar. 2003.

Na evolução do trabalho humano, mulheres e homens vivenciaram conjuntamente modos de transição que foram delimitando espaços reconhecidos de predomínio masculino e/ou feminino. Com o advento do capitalismo o controle do tempo de homens e mulheres passa a ser realizado em função da máquina. O sentido do tempo passa a ter uma conotação diferenciada, sendo interiorizado a partir de uma lógica disciplinada, produtiva e capaz de fomentar valor, através do controle preciso de gestos e corpos. As legislações trabalhistas vão se modificando e ampliando o uso da força de trabalho no interior das indústrias, que passa a absorver também a presença das mulheres.

Neste contexto, novas relações de propriedade e de poder se estabelecem entre homens e mulheres. O controle do tempo no interior das fábricas foi capaz de gerar inúmeros conflitos ao condicionar o corpo do trabalhador conforme as necessidades da máquina. De modo crescente, a organização do tempo social se ajustou ao tempo do relógio e da produção de capital, cujo controle ocorreu de modo diferenciado entre homens e mulheres. Sendo que as últimas conviveram e convivem ainda hoje com situações complicadas referentes à realização de múltiplas atividades.

Historicamente é possível observar que o ritmo de trabalho feminino em casa e também fora do domicílio não se afina totalmente com a medição do relógio⁸. Assim, foram se efetivando movimentos de divisão das funções e papéis específicos para homens e mulheres em suas relações sociais, demonstrando a existência contínua de uma divisão desproporcional de funções estereotipadas.

Até pouco tempo homens e mulheres estavam diferentemente disponíveis para as atividades de trabalho, uma vez que os papéis de gênero atribuíam aos homens o lugar de provedor da renda (espaço público), sendo esperado que os homens vivenciem uma profissão reconhecida culturalmente como masculina⁹, enquanto às mulheres fica reservado o espaço privado das responsabilidades domiciliares¹⁰.

Os ambientes externos da casa sempre foram atrelados às atividades de produção cujo domínio foi legitimado pelo homem a partir do predomínio da racionalidade científica do trabalho, atrelada à

dominação de uma ‘masculinidade hegemônica’¹¹, aos jogos de poder, à autonomia e à força bruta¹². Já o vivido internamente nas relações domésticas valorizou a presença das mulheres vinculando-as aos espaços da reprodução, da introjeção reforçada por hábitos que configuram os desejos, a sensibilidade e a emoção¹³.

Essa divisão delimita para homens e mulheres, lugares simbólicos que têm sua origem nas relações intrafamiliares e nos processos de socialização – educação formal, instituição religiosa, esporte e lazer – da pessoa na sociedade. A socialização da família e a educação escolar delimitam espaços de influências nas relações sociais que podem fomentar processos de igualdade ou instigar a manutenção das disparidades entre a prática laboral dos seres humanos¹⁴.

Assim, os sentidos tradicionais presentes nas relações entre homens e mulheres, constroem identidades e imagens através do desempenho de funções e papéis de gênero identificados de modo polarizado e naturalizado em oposições binárias como masculinos ou femininos. Tanto contribui por impossibilitar a presença da mulher nos espaços de poder e exercício da força física, quanto coíbe o homem de valorizar elementos como sensibilidade, afeto, fragilidade, solidariedade e altruísmo, até então exclusivos de exteriorização feminina, e silenciados pela força bruta e poder instituído pelo padrão masculino hegemônico.

No entanto, a valorização desse determinismo biológico que a sociedade tem usado para estabelecer essa divisão não responde à complexidade das relações sociais, vide que essa distribuição de atividades no dia a dia da vida encontra-se de modo desigual e em muitas das vezes é alheia às reais intenções das pessoas.

Desta forma, o feminino e masculino não são mais inscritos somente nas características da natureza biológica, mas provém das experiências que sabem conectar fatos e símbolos numa contínua construção sociocultural, surgindo complexidades que remetem alterações nas relações de gênero¹⁵.

Essas alterações ocorrem concomitantemente nas relações vivenciadas no espaço sociofamiliar e no âmbito do trabalho remunerado, atingindo profissionais tradicionais na área da saúde ao longo dos anos. Com

¹¹ Os estudos de gênero apontam para uma pluralidade de masculinidades que fazem referências a uma hierarquia de poder, fazendo com que algumas se tornem hegemônicas e atuem como parâmetro em determinado tempo e sociedade. Ver: GOMES, R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

¹² ECCEL, C. S. *Subjetividades contemporâneas, trabalho e masculinidades*. Tese de Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2009.

¹³ MIRANDA, L. C. *A percepção da mulher no mercado de trabalho: emprego, carreira ou vocação*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia e Finanças IBMEC. Rio de Janeiro, 2006.

¹⁴ HIRATA, H. & KERGOAT, D. op.cit..

¹⁵ CAPPELLIN P. A igualdade das oportunidades nas relações de trabalho: a ética de reparação antecede o dever de responsabilidade. In: COSTA, A. L., et. al. (Org.). *Reconfiguração das Relações de Gênero no Trabalho*. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

¹⁶ FORMIGA, J. M. M. & GERMANO, R. M. Por dentro da história: o ensino de administração em enfermagem. *Rev. bras. enferm.*, v. 58, n. 2, p. 222-226, 2005.

¹⁷ PEREIRA, P. F. op. cit..

¹⁸ Ver: PIRES, M. R. G. M. Pela reconstrução dos mitos da enfermagem a partir da qualidade emancipatória do cuidado. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 41, n. 4, p. 717-723, 2007; e COSTA, R. et. al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto contexto - enferm.*, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.

¹⁹ SILVA A. L., PADILHA M. I. C. S., & BORENSTEIN M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. *Rev Latino-am Enfermagem* julho/agosto; v. 10, n. 4, p. 586-95, 2002.

relação à enfermagem, a mesma vivenciou mudanças que se relacionam à divisão social e sexual do trabalho, influenciando as relações de gênero conforme os interesses ideológicos, políticos e econômicos de cada época. Vide a estratificação hierárquica que se origina com a formação de “*lady-nurses*” que eram preparadas para o ensino e supervisão de pessoal e as “*nurses*” que eram destinadas ao cuidado direto com o paciente¹⁶; e a aproximação masculina por determinadas áreas de atuação na enfermagem, como psiquiatria, ortopedia, urologia e emergência¹⁷.

As questões compartilhadas a seguir, dependendo do período, da geração e ainda dos óculos que se usa para observá-las atualmente, trazem impressões que puderam, por um lado ressaltar de maneira positiva a imagem de enfermeiras e enfermeiros, mas também por outro, rotular a figura desses profissionais envergando estigmas recorrentes, cujas correlações podem ser identificadas através de inúmeros registros que possibilitam interpretações diretas ou indiretas impregnadas de símbolos e valores que ainda influenciam as relações de gênero.

Imagens de enfermeiras e enfermeiros: reflexões sobre relações de gênero no trabalho

Ao longo dos anos, tanto enfermeiras quanto enfermeiros têm carregado imagens estigmatizadas e estereotipadas que ainda repercutem na prática profissional contemporânea dificultando suas relações com a equipe de saúde e com pacientes/clientes/usuários dos serviços; além de perpetuar visões distorcidas da profissão que não correspondem ao papel profissional por estes desenvolvidos¹⁸.

A imagem profissional pode ser entendida como uma rede de significados e representações sociais exclusivas de determinada profissão, que por meio de um conjunto de conceitos e explicações reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no cotidiano das práticas sociais, internas / externas à profissão, influenciadas por fenômenos históricos, sociais e políticos¹⁹.

Essa história vivida e contada em sua maioria por mulheres, ressalta valores que se tencionam entre

premissas identificadas como femininas (altruísmo e humanismo) e o foco de aspectos que dizem respeito ao imaginário masculino (tecnologia e ciência). Dentre os registros, serão pontuadas correlações possibilitando discussões referentes às questões de gênero que atravessam a prática de cuidados ao longo da profissionalização, contribuindo para elaborar reflexões para além da descrição repetitiva e massificada da evolução histórica da enfermagem.

Assim, a partir do recorte de determinados momentos históricos, torna-se possível destacar situações que foram surgindo como eco de períodos específicos, e correlacionar a identificação dos estereótipos e estigmas responsáveis por assolar a imagem dessas e desses profissionais que tencionam as relações até os dias atuais. É válido ressaltar que, a imagem construída por homens e mulheres foi diferente nas respectivas relações com a profissão, tanto que os registros que fazem referência aos caminhos trilhados por ambos contribuem para reforçar a divisão sexual do trabalho, sendo direcionados à inclusão e tentativa de valorização da figura feminina e à invisibilidade marginalizada da masculina. Deste modo, a presença / ausência de mulheres e homens na profissão, é um dos aspectos que pressuponho fazer referência às desigualdades nas relações de gênero.

No século XVIII e XIX a visibilidade progressiva da imagem de “enfermeiras e enfermeiros” demonstra uma aproximação com o mundo empírico, religioso, prático, intuitivo, leigo, cujo desejo era proteger convalescentes, idosos e deficientes e como extensão do trabalho doméstico era manter condições saudáveis para as pessoas²⁰. Essa representação foi vinculada predominantemente à mulher, no entanto sabe-se que a presença de homens foi possível de ser encontrada nesse período, a partir de voluntários e escravos responsáveis por recuperar enfermos nas Santas Casas de Misericórdia²¹.

Na Europa, a situação antes do advento de *Florence Nightigale*, constituía-se problemática com relação à saída de religiosos da prática de cuidados aos enfermos, sendo substituídos por mulheres de moral duvidosa, imprimindo uma identidade negativa às “cuidadoras”²². Encontro estudo que aponta esse

²⁰ Observar detalhes in: BRÊTAS, A. C. P. *As enfermeiras, o poder, a história: um estudo exploratório sobre mentalidades*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1994; MOREIRA, M. C. N. *Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade*. *Rev. latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, janeiro 1999; NAUDERER, T. M. & LIMA, M. A. D. S. *Imagem da Enfermeira: revisão da literatura*. *Rev. bras. enferm.*, v. 58, n. 1, p. 74-77, 2005; ZIMMERMANN, A. *A escolha profissional na área da saúde: a opção pela enfermagem*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2007; e BRITO, A. M. R. *Representações sociais de discentes de enfermagem sobre ser enfermeiro*. Dissertação de Mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2008.

²¹ GEOVANI, T. et. al. *História da Enfermagem: Versões e Interpretações*. Revinter. 2. ed. Rio de Janeiro. 2005.

²² PEREIRA, P. F. op. cit..

²³ JESUS, E. S. et. al. Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 44, n. 1, p. 166-173. 2010.

²⁴ GUIMARÃES, C. M. & ANDRADE, I. M. Gênese da enfermagem hospitalar no Estado de Goiás. *Rev. bras. enferm.* v. 58, n. 3, p. 302-304. 2005.

²⁵ Segundo exemplos citados por MOTT, M. L. Revendo a história da enfermagem em São Paulo. *Revista Pagu*. no 13, p. 327-355, 1999.

período de transição como responsável por alguns estigmas direcionados à figura da enfermeira²³, pois seriam mulheres despreparadas e de condutas reprováveis, que iriam se sujeitar à realização do trabalho de cunho missionário anteriormente realizado por religiosos.

No entanto, entre 1830 e 1840 no Brasil, a escassez de registros referentes à enfermagem pode ser compreendida como decorrente do próprio contexto social, no qual o analfabetismo e as precárias condições de vida contribuíam para imprimir nas pessoas que se sujeitavam à prática da enfermagem, características de submissão, caridade e falta de qualificação profissional²⁴.

A partir de teses defendidas por médicos, por volta de 1850, na Faculdade de Medicina de Salvador,²⁵ cada enfermaria tinha dois enfermeiros (um distribuía medicamentos e outro alimentos e roupas), sendo que à noite, um enfermeiro e uma enfermeira deveriam rondar as enfermarias de seus respectivos sexos. Mensalmente era escolhido um enfermeiro que, além de suas obrigações especiais tinha a função de polícia e o asseio de todo o edifício. Os enfermeiros deveriam ser escolhidos entre homens, destros, e, sobretudo educados, e não homens grosseiros, de fisionomia desagradável, tirados da última classe da sociedade, como encontrados nos hospitais da época. Pode-se perceber que neste período a divisão do trabalho entre enfermeiras e enfermeiros era apontada, além de sinalizar a preferência pela presença de posicionamentos femininos na prática do cuidado.

Concomitante à discussão da presença masculina na profissão pode-se observar um movimento de deslocamento da prática do cuidado, das ações religiosas. Em período aproximado na França, sob influência do médico Bourneville, observa-se a criação de uma escola de enfermagem para mulheres em Salpêtrière e outra para homens em Bicêtre. Esta última obteve sucesso em sua função de treinar profissionalmente o gênero masculino, por mais que os governantes insistissem em identificar a enfermagem como uma atividade específica feminina. Assim, não só fica registrado o movimento para formar homens e mulheres de modo separado, como também se infere a

tentativa de organizar modos de formar profissionais para a prática do cuidado fora do âmbito religioso e doméstico²⁶.

No Brasil, a primeira iniciativa oficial que inicia esse movimento de expansão do cuidado profissionalizado, que permite a inserção de homens e mulheres na prática da enfermagem se caracteriza a partir da criação em 1890, da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados²⁷. Período aproximado ao que se encontra publicado no conto de Machado de Assis intitulado “O Enfermeiro”. Todavia, nesse primeiro momento, além do conhecimento técnico, as qualidades necessárias para o “bom enfermeiro”, caracterizavam-no como “auxiliar do médico”²⁸. Além de que a formação desses “enfermeiros” era realizada por médicos com a finalidade específica de atender a demanda institucional e implicitamente reforçar o controle²⁹.

Durante o século XIX, sob resquícios de influências da Reforma Protestante, ocorreram sucessivos movimentos de lacização do cuidado, que desembocaram no distanciamento de freiras católicas de instituições hospitalares, como ocorrido no Hospital Nacional de Alienados. Além da criação da Escola supracitada, a vinda de enfermeiras francesas de *Salpêtrière*, foram medidas tomadas pelo Estado, que segundo o Decreto nº 790/1890, colaborariam com os médicos para a formação dos futuros enfermeiros e enfermeiras no Brasil³⁰. O fato de encontrar na figura do médico a participação na formação de futuros enfermeiros, pode-se refletir as desigualdades de gênero e relações de poder que irão perpetuar na vida profissional da enfermagem³¹.

Nesse período, a imagem da profissão que foi aparecendo na sociedade, tornando possível o reconhecimento de suas representações, se deu com ênfase através da presença da figura feminina e ausência da masculina. Uma dessas correlações foi identificada por Porto & Santos³², ao evidenciar informes na década de 1920, sobre imagens de enfermeiras que foram usadas em propagandas de medicamentos. Outro registro que demonstra relação, diz respeito à veiculação de imagens de enfermeiras na *Revista*

²⁶ ESPÍRITO SANTO, T. B. *Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895)*. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem da USP. 2007.

²⁷ MEDEIROS, M., TIPPLE, A.C.V. & MUNARI, D.B. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. v. 1, n. 1, out./dez. 1999.

²⁸ MOREIRA A, PORTO F & OGUISSO T. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista “O Brasil-Médico”, 1890-1922. *Rev Esc Enferm USP*, 36(4): 402-7. 2002.

²⁹ Torna-se válido abrir um parêntese para perceber que, a institucionalização das profissões de médicos, farmacêuticos, dentistas e parteiras (aproximação histórica com práticas profissionais de enfermeiras) tem suas origens no Brasil imperial, sob a égide das faculdades de Medicina, sendo desenvolvidas de acordo com critérios ligados à condição de gênero. Em relação ao grau de instrução, a duração dos cursos e os requisitos exigidos dos candidatos para o ingresso nos cursos, o que se percebe é que o curso de parteiras era o que tinha menos exigência, mostrando claramente um distanciamento cultural entre os cursos eminentemente masculinos e os eminentemente femininos. Ver pormenores in: BARREIRA, I. A. A reconfiguração da Prática da Enfermagem brasileira in meados do Século 20. *Texto*

contexto - enferm. v. 14, n. 4, p. 480-487, 2005.

³⁰ ESPÍRITO SANTO, T. B. op. cit..

³¹ BRÊTAS, A. C. P. op. cit..

³² PORTO, F. & SANTOS, T. C. F. Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925). *Rev. esc. enferm. USP*, v. 44, n. 3, p. 819-826, 2010.

³³ RODRIGUES, T. F., PORTO F. C. & MOREIRA A. Aparelhagem da imagem pública da enfermeira na revista da semana (1916-1924). *R. pesq.: cuid. fundam. out/dez.* v. 2 (supl.), p. 98-101, 2010.

³⁴ PADILHA, M. I. C. S., et. al. Enfermeira - a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século. *Rev. latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 4, p. 25-33, outubro 1997.

³⁵ Quando a enfermagem moderna foi implantada, a figura masculina foi excluída desse movimento, pois rapazes de boa formação e família eram herdeiros de profissões hegemônicas, além do que a presença de agentes de enfermagem do sexo masculino não era bem vista pelas enfermeiras diplomadas, talvez por ameaças à hierarquia do campo. Já o sexo feminino era preferido para a profissão, em razão dos atributos que não afetariam os interesses médicos. Assim, os homens só deveriam ser admitidos nos hospitais militares e hospícios, onde a força física era um atributo característico do gênero masculino. Apesar

da *Semana* colabora na construção da identidade da enfermeira brasileira³³.

Os respectivos informes, que fazem referência à imagem feminina da enfermeira na sociedade, possibilitam reflexões sobre as questões de gênero que transversalizam todo processo reflexivo, que diz respeito à prática profissional de enfermeiros e enfermeiras. Nesse momento no Brasil, os homens ficaram encobertos na profissão, havendo progressivo destaque para as mulheres, que se tornou evidente a partir da criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1923, denominada posteriormente como Escola de Enfermeiras Anna Nery, sob a influência do modelo *nightingaleano*³⁴.

Ao se organizar a partir desse “modelo” a maioria das escolas de enfermagem se diferenciava das demais unidades universitárias por não aceitarem candidatos do sexo masculino. Mesmo constituindo-se como fator de democratização ao acesso de mulheres ao ensino superior, cuja intenção era resgatar valores para as mesmas que realizavam ações correlacionadas ao cuidado, estabeleceu barreiras ao ingresso masculino³⁵ na profissão, reafirmando a tendência da sociedade da época em focalizar na mulher a prática do cuidado. Além disso, a formação de enfermeiros de ambos os sexos pela Escola Ana Nery, na década de 1930, não convergia com o padrão de ensino da instituição – internato feminino³⁶.

Assim, essa medida reforça a divisão sexual do trabalho na enfermagem, incentivando implicitamente distanciamentos entre masculino e feminino na profissão, além de dificultar as relações de gênero e poder nas interações com outras categorias profissionais, principalmente aquelas formadas por hegemonia masculina como a Medicina.

Esse movimento que promove espaço para inserção da mulher no mercado de trabalho e dificulta a participação masculina, ocorre em meio aos esforços empreendidos para moralizar e proporcionar *status* para a prática dessas enfermeiras. Ao longo da história, a enfermagem já foi exercida de um lado por mulheres leigas, mercenárias, subornáveis, prostitutas e, de outro lado, religiosas e senhoras de caridade, devotadas, bondosas, caridosas, assexuadas e virgens,

dedicadas à filantropia³⁷. O primeiro conjunto de aspectos marca uma prática profissional desvalorizada e não apreciada, já o segundo grupo de atributos enfoca o feminino na profissão delimitando espaços que contribuíram para mudar a imagem da “enfermeira” e para inculcar valor à mesma na sociedade.

Deste modo, a partir de 1920 consolida-se um período marcado pela feminilização da enfermagem no Brasil. Este processo é vivenciado por meio de ações realizadas durante a formação das enfermeiras que caracterizaram o ensino, tendo como intenção publicar a imagem da enfermeira à época³⁸.

Durante os anos que se seguem, a formação sofre intensa influência da organização religiosa³⁹, cujos princípios permeavam requisitos de vocação, devoção e caridade, preocupados com a formação moral das futuras enfermeiras.

Além da religião, a profissão também é influenciada por princípios militares e diretrizes estatais⁴⁰, cujas metas eram instituir patriotismo, processos hierárquicos e disciplinares, além de exteriorizar atributos que sancionasse uma diferença do grupo, modelando o padrão da identidade da enfermeira e provocando reconhecimento social com conseqüências diretas na prática profissional⁴¹.

Deste modo, o ensino de enfermagem passa a ser uniformizado em todo país (Lei nº 775/49), sendo realizado sob influências de disciplina e rigidez, que entre as décadas de 1940 e 1950, inicia uma busca pelo aspecto científico, mas ainda centrado na realização de técnicas a partir de manuais, ressaltando habilidade manual, destreza/movimentos sincrônicos, treinamento metódico, repetitivo e capacidade de memorização. Ratifica a implementação no currículo de conhecimentos correlacionados às especialidades da Medicina, à valorização da técnica e aproximação incipiente com as ciências sociais⁴².

Mesmo assim, a formação das futuras enfermeiras permanecia exigindo posturas de abnegação, obediência e disponibilidade total aos pacientes (influência dos princípios *nightingaleanos*), encontrando-se preocupação intensa com a formação moral e conduta pessoal das alunas, que se reflete nas exigências relacionadas aos critérios de seleção⁴³, ao modelo

da preferência pelo sexo feminino nas Escolas de Enfermagem com a vinda das enfermeiras norte-americanas, a Escola Alfredo Pinto manteve continuamente alunos do sexo masculino no seu corpo discente. A reaproximação de homens com a profissão, e/ou inserção em escolas como Escola Ana Nery, irá ocorrer somente a partir da Reforma Universitária em 1968 com o vestibular unificado, pois anteriormente as escolas só aceitavam candidatas do sexo feminino. Maiores considerações, ver: AMORIM, W. M. *A reconfiguração da primeira escola de enfermagem brasileira: a missão de Maria de Castro Pamphiro* (1937-1949). Tese de Doutorado. EEAN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004; PORTO, F. *Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico* (1919-1925). Tese de Doutorado. UFRJ/EEAN, 2007; MOREIRA, A. & OGUISSO, T. *Profissionalização da enfermagem brasileira*. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005; SANTOS, C. B. & LUCHESI, L. B. *A imagem da enfermagem, tendo em conta os estereótipos: uma revisão bibliográfica*. Em *Anais do 8o Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*, São Paulo, 2002; BAPTISTA, S. de S. & BARREIRA, I. A. *Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa*. *Rev. bras. enferm.* v. 59, n.spe, p. 411-416, 2006; e PEREIRA, P.

F. op. cit..

³⁶ AMORIM, W. M. & BARREIRA, I. A. O jogo de forças na reorganização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. *Rev Bras Enferm*, jan-fev; v. 60, n. 1, p. 55-61, 2007.

³⁷ GENTIL, R. C. O Enfermeiro não faz marketing pessoal: a história explica pôr que? *Rev. bras. enferm.* v. 62, n. 6, p. 916-918, 2009.

³⁸ PORTO, F. & SANTOS, T. C. F. O rito e os emblemas na formatura das Enfermeiras brasileiras no distrito federal (1924-1925). *Esc Anna Nery Rev Enferm*, abr./jun.; v. 13, n. 2, p. 249-55, 2009.

³⁹ - Quanto à religião, ao longo dos anos a mesma vem influenciando a vida de enfermeiras e enfermeiros de modo recorrente. Inicialmente foi possível encontrar a realização do cuidado vinculado à prática de frades e freiras católicos num momento pré-profissional que se prolongou por anos. Posteriormente encontram-se suas influências de modo incisivo no percurso de profissionalização iniciado no século passado, vide os inúmeros estudos que fazem referência à sua presença direcionando o sentido de vocação à formação de enfermeiras, que acabam por distanciar a prática desses profissionais do sentido científico tradicional. O aprofundamento desses apontamentos pode ser encontrado em publicações como: PEREIRA, P. F. op. cit.; DAHER, D. V., op. cit.; GOMES, T. O. et. al. *Enfermeiras católicas em busca de melhores posições*

pedagógico de ensino-internato⁴⁴, à postura física, comportamentos e modos de se trajar⁴⁵.

Essas posturas, atreladas às influências religiosas e militares que atendiam aos costumes da época, podem ser percebidas a partir de uma linguagem corporal feminina condicionada e controlada através de gestos, atitudes e comportamentos, de ritos de passagem e/ou 'cerimônias de formatura'⁴⁶, do uso de símbolos marcantes como uniformes, emblemas, insígnias e/ou objetos⁴⁷ no cotidiano da formação e prática; que em conjunto à intenção de valorizar a identidade profissional, apresentavam a enfermeira à sociedade⁴⁸.

No entanto, percebe-se que essas tentativas usadas para consolidar uma imagem positiva durante vasto período da história da enfermagem, acabaram por efetivar estereótipos que apresentam correlações diretas com as questões de gênero vivenciadas no trabalho, possíveis de serem encontrados até os dias atuais no imaginário coletivo, isto é, uma enfermeira com pouco *status*⁴⁹. Esses ritos contribuíram por ratificar a aproximação da enfermagem com o mundo feminino e doméstico, encontrando respaldo em discursos hegemônicos oficiais (médico, religioso e estatal) que tinham por intenção naturalizar o papel da mulher, cuja prática profissional se mostrava sexuada na sociedade, próxima do cuidado e distante da égide de conhecimentos técnicos⁵⁰. Assim, tanto a restrição prolongada da participação masculina na profissão, quanto a valorização crescente dos aspectos técnicos centrados no hospital, contribuíram por dificultar a minimização de conflitos e tensões nas relações de gênero.

Mesmo em meio a estas dificuldades, os próprios movimentos ocorridos no processo de inserção da enfermagem aos meios universitários além dos avanços correlacionados à pesquisa, ao ensino e ao exercício profissional, contribuíram para valorizar a imagem da profissão no país⁵¹.

No entanto, os avanços foram e continuam permeados por contradições e ameaças constantes nas disputas por espaços de poder e representação da imagem de enfermeiras e enfermeiros na sociedade. Grande parte desses dilemas são atribuídos à posição feminina da profissão, gerando crise de competência

técnica, vocação e identidade⁵².

Desta maneira, é válido retomar e/ou acrescentar alguns pontos que podem ter influenciado e permanecem direcionando a construção da imagem dessas e desses profissionais e as respectivas implicações nas relações de gênero.

Assim, a demorada (re)inserção de enfermeiros nos processos de formação e prática profissional (ocorrida somente em 1968 com a reforma universitária) contribui para que a profissão ao ser identificada como um “gueto” feminino tenha dificuldades de legitimar autonomia nas relações com o poder masculino hegemônico instituído nas instituições e sistema de saúde.

A representação da enfermeira modelo, como “figura-tipo” em meados do século XX, se dá através da ‘enfermeira-chefe’ nos hospitais. Essa caracterização influencia o distanciamento desta da assistência direta (realização de cuidado). Gera insatisfação nos recém-formados, que na maioria das vezes esperam a presença da (o) enfermeira (o) na realização de procedimentos técnico-assistenciais, diferente do encontrado e exigido pelo mercado (enfermeira / enfermeiro / gerente / supervisor), contribuindo para dificultar a imagem de enfermeiras e enfermeiros na sociedade⁵³.

Atrelada à questão referente à aproximação da “enfermeira-chefe” de ações administrativas, existem fatores que apresentam grandes desafios a serem vencidos em relação à confusão que prossegue a identificação de ações exclusivas realizadas por enfermeiras e enfermeiros⁵⁴. Ressalta-se a sobreposição de responsabilidades quanto à realização de ações assistenciais e administrativas (estando o enfermeiro na realização indireta e/ou gerência do cuidado); e a estratificação hierárquica da profissão em nível médio e universitário (ainda pouco reconhecida e/ou valorizada pela população) com realização de práticas técnico-assistenciais similares e/ou delegadas. Essas aproximações possibilitam uma imagem híbrida e sem exclusividade, em grande parte das vezes, para o profissional universitário. Assim, não é comum identificar exercício ilegal de enfermeira/enfermeiro, como se ouve falar na Medicina, por exemplo.

no campo da educação e da prática em enfermagem nos anos 40 e 50 no Brasil, no século XX. *Texto contexto – enferm.* v. 14, n. 4, p. 506-512, 2005; GOMES, T. de O.; ALMEIDA FILHO, A. J. & BAPTISTA, S. de S. Enfermeiras-religiosas na luta por espaço no campo da enfermagem. *Rev. bras. enferm.*, Jun, v. 58, n. 3, p. 355-360, 2005; CRUZ, J. L. G. & MARQUES, I. R. Elementos do Projeto Político Profissional da Associação Nacional das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras presentes nos Annaes de Enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* 59 (spe): 438-441, 2006; PORTO, F. op. cit.; e SANTOS, L. A. C. & FARIA, L. As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira. *Saude soc.* v. 17, n. 2, p. 35-44, 2008.

- Atualmente, mesmo que tenham algumas lacunas com relação à publicação referente à religião (religiosidade e espiritualidade) na área da enfermagem, percebe-se um movimento de (re)inserção da temática. Ver: TEIXEIRA, J. J. V. & LEFÈVRE, F. Religiosidade no trabalho das enfermeiras da área oncológica: significado na ótica do discurso do sujeito coletivo. *Rev. Bras. Cancerol.* v. 53, n. 2, p. 159-66, 2007; GUSSI, M. A. & DYTZ, J. L. G. Religião e espiritualidade no ensino e assistência de enfermagem. *Rev. bras. enferm.* v. 61, n. 3, p. 337-384, 2008; e CORTEZ, E. A. *Religiosidade e espiritualidade no ensino de enfermagem: contribuição da gestão participativa para*

a integralidade no cuidado. Tese de Doutorado. EEAN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

- Na área biomédica essa questão passa a ser elaborada sob o conceito de “Espiritualidade Baseada em Evidências”, cujo uso se mostra atrelado às questões de qualidade de vida. Ver: SAAD, M.; MASIERO, D. & BATTISTELLA, L. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fisiátrica*. v. 8, n.3, p.107-112, 2001; PANZINI, R. G., et. al. Qualidade de vida e espiritualidade. *Rev. psiquiatr. clín.* v. 34, supl.1, p. 105-115, 2007; e LUCCHETTI, G. et. al. Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber? *Rev Bras Clin Med*; v. 8, n.2, p.154-8, 2010.

⁴⁰ Quanto à influência militar e estatal, a enfermeira durante o Governo Vargas constitui peça importante para mobilização das mulheres. Jornais e revistas publicavam fotos do treinamento para a guerra e condecorações militares em espaços antes ocupados somente por homens, contribuindo assim, para que alcançassem um novo lugar no imaginário coletivo do século XX. Ver: CYTRYNOWICZ, R. À serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(1): 73-91, mar./jun. 2000; SANTOS, T. C. F. & BARREIRA, I. A. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. *Texto Contexto – enferm.* v. 17, n. 3, p. 587-593, 2008; e

Até mesmo quando se compara práticas de profissionais graduados, existe divisão entre enfermeiras e enfermeiros. A valorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho que utilize as mãos provoca divisões internas na prática profissional fazendo com que enfermeiros se aproximem da gerência (relações de poder) e enfermeiras se aproximem da assistência (relações de dependência)⁵⁵.

A permanência de rituais como a cerimônia da lâmpada, ainda existente em formaturas dos cursos de enfermagem do país, a meu ver contribui para dificultar o abandono do mito vocacional da figura de *Florence*⁵⁶, cuja representação desta não é explorada pelos meios de comunicação.

A demora por abandonar os signos e símbolos que foram úteis para uma geração do século passado, ainda deixa marcas estereotipadas na imagem de enfermeiras, em específico pelo uso cotidiano da ‘touca’⁵⁷. Assim, esse uso que normatizava condutas, ratificava feminilização e diferenciava a imagem da enfermeira nas relações hospitalares destacando, naquele momento, poder interno na equipe; indiretamente emoldura um caminho que contribui para estereotipar a figura da enfermeira, possibilitando elementos para caricaturas⁵⁸ e/ou símbolo sexual⁵⁹. Passa a ser tão forte essa identificação do uniforme da enfermeira com a questão do fetiche⁶⁰, que até mesmo fora de publicações acadêmicas, é possível encontrar registros referentes à associação do “uniforme da enfermeira” ao fetichismo. Dentre os uniformes femininos, simbolizando uma espécie de doméstica no hospital, as enfermeiras se tornam ícones eróticos, destilando proteção, intimidade e possibilidade de sexo à fantasia do enfermo⁶¹. De certa forma, influências desta literatura se arrastam até os dias atuais, contribuindo de modo avassalador para reforçar símbolos no imaginário coletivo que continuam dene-grindo a identidade de enfermeiras. Em contraponto, não se encontra uniforme de enfermeiros registrados pelos autores, que quando fazem referência a uniformes masculinos que têm conotação sexual, lembram de militares (exército, bombeiros e marinheiros) e empresários executivos (ternos e gravatas) que simbolizam ideia de domínio / poder e não de submissão.

Deste modo, quando refletidos a partir das relações na vida contemporânea, esses ritos e símbolos apresentam terreno fértil para o advento e continuidade de estigma que fazem emergir conotações mistificadoras ou jargões pejorativos direcionados a imagem da enfermeira, que oscilam de “anjo-de-branco” e “prostituta”, à “mulher de médico”⁶²; não tendo como negar a utilização da imagem da enfermeira como símbolo de erotização sexual na publicidade, nos programas de televisão e similares. Ora a enfermeira aparece cuidando de doentes em hospitais com uma touca na cabeça e uma saia curta, evidenciando todos os seus atributos físicos e sexuais; ora aparece na mídia televisiva como amante dos médicos, babás, “tiazinhas”, “sheilas”, “feiticeiras” e “enfermeiras do funk”⁶³.

Paralelamente aos enfrentamentos e conquistas vivenciadas historicamente pela mulher na sociedade, estas na enfermagem, vivenciaram implicações desses rituais de modo direto, pois devido à sua força simbólica, tendem a ser definidos como atividades naturais que modelam comportamentos, disciplinam corpos e silenciam mentes, sendo mantidos vivos e inquestionáveis⁶⁴. Parece que as enfermeiras ficaram mais expostas ao recorrente de rótulos proferidos à sua imagem nos meios de comunicação de massa que cristalizam estereótipos impedindo refletir especificidades da profissão; vide o cartaz emblemático amplamente difundido nas instituições hospitalares modelando a imagem da enfermeira com o indicador nos lábios indicando a necessidade de silêncio e remetendo a lembrança indireta do cumprimento de normas.

Em contrapartida, percebe-se que a imagem de enfermeiros esteja mais preservada com relação aos estereótipos similares, talvez pela pouca representação quantitativa de homens na categoria profissional e/ou talvez, porque sejam rotulados por aspectos mais abstratos, correlacionados às posturas no próprio exercício profissional, que distanciam da racionalidade de masculinidade hegemônica e aproximam de masculinidades plurais. Essas impressões permanecem impregnadas de tal maneira na sociedade, que por tabela os enfermeiros têm sua masculinidade ques-

OLIVEIRA, A. B. & SANTOS, T. C. F. Condecorações de guerra como investidura de bens simbólicos às enfermeiras febianas. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* jan./mar.; v. 14, n. 1, p. 19-25, 2010.

⁴¹ Ver: MENEZES, S. S.; BAPTISTA, S. S. & BARREIRA, I. A. O perfil das(os) alunas(os) de enfermagem da Escola Anna Nery: décadas de 20, 30 e 90. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*; 2(1/2): 34-48, abr./set., 1998; AMORIM, W. M. op. cit.; GOMES, T. de O.; ALMEIDA FILHO, A. J. & BAPTISTA, S. de S. op. cit.; SANTOS, T., et. al. Modelos de enfermeiras nas ditaduras de Vargas e de Franco: femininas, caridosas e patrióticas. *Ex aequo*, n. 18, p. 135-145, 2008; TOLEDO, J. R., et. al.; Emblemas e rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. *Esc. Anna Nery*. v. 12, n. 2, p. 243-250, 2008; e OLIVEIRA, A. B. & SANTOS, T. C. F. op. cit..

⁴² Detalhes podem ser observados in: GALLEGUILLOS, T. G. B. & OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. *Rev Esc Enf USP*, v. 35, n. 1, p. 80-7, mar. 2001; PAI, D. D.; SCHRANK, G. & PEDRO, E. N. R. O Enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. *Acta paul. enferm.* v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006; CORBELLINI, V. L. & MEDEIROS, M. F. Fragmentos da história: a enfermeira tornando-

se sujeito de si mesma. *Rev. bras. enferm.*, v. 59, n.spe, p. 397-402, 2006; BRITO, A. M. R. 2008, op. cit.; RENOVATO, et. al. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. *Trab. Educ. Saúde*, v. 7 n. 2, p. 231-248, jul./out. 2009; e LUCENA, I. C. B, BARREIRA, I. A. & BAPTISTA, S. S. Cinquentenário do 'Manual de Técnica de Enfermagem' (1957-2007): contribuições na construção do saber de enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* jan-mar; v. 14, n.1, p. 13-18, 2010.

⁴³ Inicialmente as candidatas eram selecionadas a partir de critérios como: sexo feminino, solteira, separada legalmente ou viúva, com idade entre 20 e 35 anos, com escolaridade equivalente ao curso de normalistas. Além da necessidade de ter boas referências pessoais e ausência de defeitos físicos, a opção pela enfermagem perpassava, vocação, patriotismo, desejo de servir, trabalhar para os ideais da eugenia e, em menor proporção, na independência econômica. Vale ressaltar que a cor da pele também foi considerada como critério de seleção, visto que as "moças negras" encontraram dificuldades de acesso ao ensino superior de enfermagem. Essas sinalizações podem ser observadas in: MENEZES, S. S.; BAPTISTA, S. S. & BARREIRA, I. A. op. cit.; e BAPTISTA, S. de S. & BARREIRA, I. A., op. cit..

⁴⁴ O "internato" torna-se um exemplo de modelo pedagógico diferente

tionada e sua prática direcionada em grande parte, para o exercício profissional em locais culturalmente remetidos à força física como ortopedia, emergência e psiquiatria, e afastados de áreas como obstetrícia e pediatria⁶⁵, mediante o estigma de exercerem seu trabalho numa profissão predominantemente feminina⁶⁶. Contudo, mesmo estando minoritários na prática de cuidados, encontram-se sobrerrepresentados nos níveis de gestão e supervisão⁶⁷.

Assim, o estigma que é corroborado pelos meios de comunicação e fortalecido por ideias estereotipadas, tem como alvo prioritário a imagem da enfermeira e em menor escala a do enfermeiro. De maneira distorcida divulgam materiais sem medir as consequências que reflitam no desprestígio da classe e no prejuízo correlacionado ao poder de mediação na defesa dos interesses da categoria e conseqüentemente da melhora do *status*/imagem profissional.

Considerações Finais

Este estudo não pretende realizar síntese final, muito menos fechar portas ao debate sobre as imagens sociohistoricamente construídas de / por enfermeiras e enfermeiros. Não versa temática que diz respeito apenas à responsabilidade individual de enfermeiras e enfermeiros, mas também reflete sobre símbolos e estereótipos construídos historicamente, que estão presentes no imaginário coletivo através do produto comercializado pelos meios de comunicação, sobre a enfermeira / enfermeiro que existe em / para cada leitor.

Embora haja esforços, como os compartilhados acima, para modificar as situações de estigma, é possível refletir que, além da mídia que em muitos momentos ainda utiliza a imagem da enfermeira de maneira estigmatizada; a existência de espaços mais tradicionais como os "hospitais", restringem de modo institucionalizado as funções de enfermeiras e enfermeiros, dificultando a flexibilização de papéis e modificações de imagens. Assim, contribuem com a manutenção de estereótipos e desigualdades nas relações de gênero. Por outro lado, tenho apostado na Estratégia de Saúde da Família / Ministério da saúde e nos Órgãos de Classe e Sindicatos, como caminhos com possibilidades de

compartilhar com a população uma imagem dessas e desses profissionais que se aproxime da realidade ainda enclausurada nas academias e produções teóricas.

Refletir também sobre a presença crescente de enfermeiros na profissão (cerceada por décadas) e sobre a inserção de enfermeiras nos espaços de gerência (inclusive se sobreposta à prática de cuidados diretos), talvez possibilite a diversificação de competências com relação às questões de gênero e mudanças de foco que contribuam por acelerar o encontro de espaços que aproximem a razão científica (secular domínio masculino), de valores da emoção (tidos como domínio feminino), numa forma de aproximação de universos simbólicos masculinos e femininos, ou seja, sem a necessidade de masculinizar as enfermeiras, nem feminilizar os enfermeiros. Assim, contribui-se para descaracterizar um pouco a questão visível do “gueto feminino” que representa a profissão, dando margem para construções plurais e/ou diversificadas. Na mesma lógica de pensamento, enfermeiras e enfermeiros precisam encontrar um meio termo que consiga aproximar questões de humanização da assistência, cuidado integral, acolhimento, formação de vínculo, diálogo, escuta atenta, disponibilidade resolutiva e de espiritualidade (aproximações femininas), às questões de representação técnico-científica como visibilidade para pesquisas clínicas baseadas em evidências e condutas gerenciais (associações masculinas). Mesmo que esse processo pareça constituir-se num dos maiores desafios para a profissão, acredito que somente assim, (tanto no âmbito nacional, quanto internacional) existiria a possibilidade de um caminho que viabilizasse uma imagem profissional mais autônoma e científica.

Assim, mesmo que: exista uma complexidade na identificação da imagem contemporânea de enfermeiras e enfermeiros, o que possibilita uma convergência dessas imagens com os demais profissionais no campo da saúde e ocupações variadas (o uniforme branco encontra-se banalizado, sendo usado tanto por babás, quanto cuidadores domiciliares e esteticistas); a estrutura do sistema de saúde tenha como referência o profissional médico na porta de entrada dos serviços dificultando a possibilidade de escolha por parte da população; permaneça um uso estigmatizado na

das demais unidades universitárias da época. Nesse formato de ensino as alunas eram afastadas da família, sendo submetidas a controle rigoroso de disciplina, conduta, aparência e horário, induzindo a produção de corpos submissos e dóceis através de posturas religiosas, para que ali recebessem treinamento técnico e formação moral. Ver: MEDEIROS, M., TIPPLE, A.C.V. & MUNARI, D.B. op. cit.; GUITTON, B.; FIGUEIREDO, N. & PORTO, I. *A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira*. Niterói-RJ: Intertexto, 2002; DAHER, D. V., op. cit.; e MEIRELLES, M. R. & AMORIM, W. M. O cotidiano dos alunos na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1949–1956). *Rev Latino-am Enfermagem*, nov-dez; v.16, n.6, p. 1005-1011, 2008.

⁴⁵ Ver: BRÊTAS, A. C. P. op. cit.; PADILHA, M. I. C. S., op. cit.; MOREIRA, M. C. N. op. cit.; DAHER, D. V., op. cit.; GUITTON, B.; FIGUEIREDO, N. & PORTO, I. op. cit.; BERARDINELLI, L. M. M. *Gestos de cuidado em enfermagem: estudo interdisciplinar através de imagens*. Tese de Doutorado. UFRJ/EEAN, 321p. 2003; e SANTOS, T. C. F. & BARREIRA, I. A. op. cit..

⁴⁶ – A “Cerimônia da Lâmpada” era vivenciada para ressaltar o ícone emblemático – Florence Nightingale, que ao usar uma lâmpada (formato grego, parecida com um lampião) para visitar feridos à noite, transformou-a posteriormente no

“símbolo dominante” de maior representação para a profissão. Nesse ritual de passagem ocorria: a transmissão da lâmpada (formato grego, similar à lâmpada do Aladin), o juramento e o canto do “hino da enfermeira” que apresentava à sociedade da época marcas de uma enfermeira “serva” e “mensageira de Deus”, confirmando a existência de um modelo vocacional/profissão-sacerdócio. Ver: DAHER, D. V., op. cit.; e PORTO, F. op. cit..

– A “Cerimônia de Recepção da Touca” era realizada para iniciar o uso da touca, uniforme e insígnias (broche e braçadeira). A recepção da touca como objeto máximo de caracterização da figura da enfermeira da época (diferenciação dos demais profissionais), de insígnias (broche e braçadeira) e do uniforme indicavam sinal externo de identificação da enfermeira e demonstravam aptidão para o início da assistência no hospital. Além de simbolizar um ritual de passagem de um ciclo da formação para outro, reafirmando compromisso com valores e ideais sugerindo, “sacralização”, “assexualização” e “ética profissional”, a “recepção da touca” também possibilitava ideia de “governo dos próprios atos”, conferindo às enfermeiras um “ideal nobre e superior” e uma “identidade profissional”. Ver: DAHER, D. V., op. cit.; BERARDINELLI, L. M. M. op. cit.; PERES, A. A. & BARREIRA, I. A. Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios

mídia; se tenha dificuldade de elencar algo concreto para identificar a imagem exclusiva de enfermeiras e enfermeiros inseridos no campo da ciência atual, indo além de ‘toucas’, ‘seringas’ ou ‘estetoscópios’... Entendo que: tanto avanços internos, quanto inovações tecnológicas; tanto aproximação ativa e politizada em órgão de classe e instâncias de defesa de políticas públicas, quanto aumento do quantitativo de pós-graduação delimitando especificidades que sinalizam modificações nos perfis profissionais que refletem no mercado de trabalho; tanto mudança de paradigma na racionalidade científica atual (além das ciências biomédicas, valorizar ciências humanas e sociais), quanto valorização de fatores externos como aumento do poder econômico e ampliação do acesso ao capital cultural; etc., são fatores que contribuem para a valorização e reconhecimento de uma imagem coletiva que o profissional de enfermagem – cujo início de prática surge no cerne religioso e caminha em busca da cientificação – podendo assim apresentar essa imagem de modo avançado e significativo para as próximas gerações.

Parece uma luta interminável e quase impossível de ser ultrapassada, pois o tempo todo, as tensões e conflitos retornam no imaginário coletivo da sociedade. Entretanto, ao se observar a evolução existente na prática profissional de enfermeiras e enfermeiros (de agente empírico ao doutorado) e a construção de imagens por e para estes profissionais; é possível evidenciar processos de mudanças, na conjuntura da sociedade e não no foco individual, que foram acontecendo sob influências sociais, políticas e culturais trazendo repercussões importantes até os dias atuais. Assim, a luz no fim do túnel terá como aposta a validação e divulgação do conhecimento técnico-científico e sua aplicabilidade na prática profissional, possibilitando mudanças na imagem de enfermeiras e enfermeiros, além de transformações nas relações de gênero.

Essas pistas, cada qual no seu tempo, contribuem para que, tanto as enfermeiras pioneiras quanto os enfermeiros e enfermeiras contemporâneos, deixem suas marcas coletivas sob influências de ideologias, espaços, tempos e interesses diversos; que se encaminhadas sob interesses de mediação (vide pesquisas

sobre espiritualidade com base científica) estarão contribuindo de modo significativo, não só para validade e visibilidade da profissão, como também para atender as necessidades atuais e futuras da sociedade.

Referências

ABRÃO, F. M. S. *Primórdios da enfermagem profissional na cidade do Recife-PE: raízes da pré-institucionalização da formação do campo organizacional (1922-1938)*. Tese de Doutorado. USP. Ribeirão Preto. 2006.

ANDRADE, A. C. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. *Rev. bras. enferm.* v. 60, n. 1, p. 96-98, 2007.

ANGERAMI, E. L. S. O Mister da Investigação do Enfermeiro. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* v. 1, n. 1, p. 11-22, 1993.

AMORIM, W. M. *A reconfiguração da primeira escola de enfermagem brasileira: a missão de Maria de Castro Pamphiro (1937-1949)*. Tese de Doutorado. EEAN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

AMORIM, W. M. & BARREIRA, I. A. O jogo de forças na reorganização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. *Rev Bras Enferm*, jan-fev; v. 60, n. 1, p. 55-61, 2007.

BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, julho 1999.

_____. A reconfiguração da Prática da Enfermagem brasileira in meados do Século 20. *Texto contexto - enferm.* v. 14, n. 4, p. 480-487, 2005.

BARRIENTOS, D. M. S. *Mulher e Saúde: dialetizando o trabalho da enfermagem ambulatorial*. Tese de Doutorado. USP, p. 188, 2002.

BAPTISTA, S. de S. & BARREIRA, I. de A. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. *Rev. bras. enferm.* v. 59, n.spe, p. 411-416, 2006.

da enfermagem moderna. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 25-38, abril, 2003; PORTO, F. op. cit.; e MEIRELLES, M. R. & AMORIM, W. M. op. cit..

⁴⁷ – O uniforme das enfermeiras hospitalares, composto por touca, braçadeira, broche e avental (este último usado somente por alunas), era diferente do uniforme das “visitadoras” na Saúde Pública, que era integrado por braçadeira, chapéu, gravata e capa. Pode-se deduzir que esta diferença sinalize aproximação de representações submissas à prática hospitalar, a partir de objetos femininos como avental e de poder à prática preventiva, através de adereços com simbolismo masculino como a gravata. Além destas diferenças entre a área curativa e preventiva, é possível encontrar diferença também entre os sexos. Os uniformes descritos para as enfermeiras (principalmente as “diplomadas” pela Escola Ana Nery) eram mais detalhados do que os utilizados por homens que apresentavam pouca representatividade. Talvez, porque os uniformes femininos apresentem características especiais que acompanham a moda, sendo mais variados do que os masculinos. Com isso, é possível sugerir que a identidade da enfermeira foi projetada na sociedade pela imagem feminina, tendo atualmente, mais chance de ficar exposta aos estereótipos do que a figura do homem na profissão. É tão significativa a presença e valorização destes uniformes na prática

profissional das enfermeiras, que somente a partir de 1972, o uniforme foi padronizado pela cor branca, sendo retirado o avental (que ao nosso ver é simbólico de trabalho braçal e submisso). O aprofundamento dessas sinalizações podem ser encontrados in: PERES, A. A. & BARREIRA, I. A. op. cit.; PORTO, F. & FRANCO SANTOS, T. C. A romaria ao túmulo de D. Anna Nery (1925-1926): uma tradição inventada para a enfermagem brasileira. *Enfermeria Global*. no 7, nov., p. 1-11, 2005; AMORIM, W. M. op. cit.; e BERARDINELLI, L. M. M. op. cit..

– Em específico, a “touca” foi usada pela primeira vez na escola fundada por Nightingale significando puritanismo e aproximação com o véu na religião católica. Segundo pesquisadores, ainda pode ser percebida como um objeto que atenua os efeitos sedutores provocados pelos cabelos das mulheres, além de conferir credencial de decência, e controle da figura feminina no espaço público. Fez parte de cerimônias na maioria das escolas de enfermagem no Brasil, cujas realizações prosseguiram por décadas ritualizando a vida de enfermeiras, eternizando-se num símbolo marcante para a representação das mesmas na mídia. O seu uso tornou-se polêmico até começar a cair em desuso, a partir da década de 1960. Caso seja de interesse, ver: MACHADO, N. J. B. A evolução do exercício profissional de enfermagem de 1940 a 2000 - Análise numa perspectiva histórica. Dissertação de

BERARDINELLI, L. M. M. *Gestos de cuidado em enfermagem: estudo interdisciplinar através de imagens*. Tese de Doutorado. UFRJ/EEAN, 321p. 2003.

BORGES, et. al., Representações sociais do trabalho da enfermagem: as ancoragens estruturais na visão da sociedade brasileira. *Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá, v. 2, n. 2, p. 113-122, jul./dez. 2003

BRÊTAS, A. C. P. *As enfermeiras, o poder, a história: um estudo exploratório sobre mentalidades*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1994.

BRITO, A. M. R. *Representações sociais de discentes de enfermagem sobre ser enfermeiro*. Dissertação de Mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2008.

BRITO, J. C. *Saúde, trabalho e modos sexuais de viver*. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 1999.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

CAPPELLIN P. A igualdade das oportunidades nas relações de trabalho: a ética de reparação antecede o dever de responsabilidade. In: Costa, A. L., et. al. (Org.). *Reconfiguração das Relações de Gênero no Trabalho*. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

COLPO, J. C., CAMARGO, V. C. & MATTOS, S. A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. *Cogitare Enferm* jan/abr; 11(1): 67-72, 2006.

CORBELLINI, V. L. & MEDEIROS, M. F. Fragmentos da história: a enfermeira tornando-se sujeito de si mesma. *Rev. bras. enferm.*, v. 59, n. spe, p. 397-402, 2006.

CORTEZ, E. A. *Religiosidade e espiritualidade no ensino de enfermagem: contribuição da gestão participativa para a integralidade no cuidado*. Tese de Doutorado. EEAN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

COSTA, R. et. al. O legado de Florence Nightingale: uma

viagem no tempo. *Texto contexto - enferm.*, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.

CRUZ, J. L. G. & MARQUES, I. R. Elementos do Projeto Político Profissional da Associação Nacional das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras presentes nos Annaes de Enfermagem. *Ver. Bras. Enferm.* 59 (spe): 438-441, 2006.

CYTRYNOWICZ, R. À serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(1): 73-91, mar./jun. 2000.

DAHER, D. V. *Por detrás da chama da lâmpada: a identidade social do enfermeiro*. Niterói-RJ: EdUFF, 141p. 2000.

ECCEL, C. S. *Subjetividades contemporâneas, trabalho e masculinidades*. Tese de Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2009.

ESPÍRITO SANTO, T. B. *Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895)*. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem da USP. 2007.

FERNANDES, J. D., et. al. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* v. 10, n. 2, p. 199-206, 2002.

FRANÇA, L. S. & BARREIRA, I. A. A enfermeira-chefe como figura-tipo em meados do século XX. *Rev Bras Enferm*, jul-ago; v. 57, n.4, p. 508-11, 2004.

FORMIGA, J. M. M. & GERMANO, R. M. Por dentro da história: o ensino de administração em enfermagem. *Rev. bras. enferm.*, v. 58, n. 2, p. 222-226, 2005.

GALLEGUILLOS, T. G. B. & OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. *Rev Esc Enf USP*, v. 35, n. 1, p. 80-7, mar. 2001.

GENTIL, R. C. O Enfermeiro não faz marketing pessoal: a história explica pôr que? *Rev. bras. enferm.* v. 62, n. 6, p. 916-918, 2009.

Mestrado. Universidade do Porto, jan. 2004; SANTOS, T., et. al., op. cit.; e PERES, A. A. & BARREIRA, I. A. op. cit..

⁴⁸Ver: DAHER, D. V., op. cit.; e PORTO, F. op. cit..

⁴⁹ RAMBOR, A., & KRUSE, M. H. L. Os filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a enfermeira. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 28(1): 52-61, 2007.

⁵⁰ BORGES, et. al., Representações sociais do trabalho da enfermagem: as ancoragens estruturais na visão da sociedade brasiliense. *Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá, v. 2, n. 2, p. 113-122, jul./dez. 2003; ABRÃO, F. M. S. *Primórdios da enfermagem profissional na cidade do Recife-PE: raízes da pré-institucionalização da formação*; ESPÍRITO SANTO, T. B. op. cit.; SANTOS, T. C. F. & BARREIRA, I. A. op. cit.; e RENOVATO, et. al., op. cit..

⁵¹A incorporação da enfermagem ao meio universitário, inicia-se na década de 1940 com a obrigatoriedade de se vincular as escolas a um Centro Universitário ou a uma Faculdade de Medicina. Mas só na década de 1960 com a reforma universitária, a profissão passou a ser incorporada aos Centros de Ciências da Saúde/Biomédico, o que correspondeu ao seu reconhecimento como área de saber e maior aproximação de questões científicas. Já ao longo da década de 1960, aumenta a necessidade de desenvolver um corpo de conhecimentos específicos, e para além da

técnica, torna-se possível elaborar modelos conceituais e teorias de enfermagem (ênfase norte-americana). Os currículos responsáveis pelo ensino de enfermagem até a década de 1970 revelam que a formação do enfermeiro era centrada na assistência hospitalar, seguindo o mercado de trabalho de cada época. Mesmo que se tivesse um projeto voltado para o coletivo, a partir das enfermeiras visitadoras da década de 1920, o ensino institucionalizou-se voltado para a assistência hospitalar subordinada à prática médica. Já na década de 1970 em diante, tanto homens quanto mulheres continuaram a vivenciar os processos que contribuíram para melhoria da imagem profissional na sociedade. Dentre os aspectos que auxiliam como avanço, encontra-se o processo de valorização da pesquisa com a atuação da enfermagem na Capes e CNPq, articulação entre graduação e pós-graduação, ampliação do quantitativo de cursos superiores, criação de sindicatos politizando o cenário da profissão, regulamentação do exercício profissional – Lei no 7.498/86, implementando a consulta de enfermagem na Saúde Pública; contribuindo com uma ideologia voltada para a afirmação do status profissional, a definição de papéis e a busca de autonomia. Reflexões detalhadas podem ser vistas in: BAPTISTA, S. de S. & BARREIRA, I. A. op. cit.; ANGERAMI, E. L. S. O Mister da Investigação do Enfermeiro. *Rev. Latino-*

GEOVANI, T. *et. al. História da Enfermagem: Versões e Interpretações*. Livraria e Editora Revinter. 2ª ed. Rio de Janeiro. 2005.

GOMES, R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

GOMES, T. de O.; ALMEIDA FILHO, A. J. & BAPTISTA, S. de S. Enfermeiras-religiosas na luta por espaço no campo da enfermagem. *Rev. bras. enferm.*, Jun, v. 58, n. 3, p. 355-360, 2005.

GOMES, T. O. *et. al. Enfermeiras católicas em busca de melhores posições no campo da educação e da prática em enfermagem nos anos 40 e 50 no Brasil, no século XX. Texto contexto – enferm.* v. 14, n. 4, p. 506-512, 2005.

GUIMARAES, C. M. & ANDRADE, I. M. Gênese da enfermagem hospitalar no Estado de Goiás. *Rev. bras. enferm.* v. 58, n. 3, p. 302-304. 2005.

GUITTON, B.; FIGUEIREDO, N. & PORTO, I. *A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira*. Niterói-RJ: Intertexto, 2002.

GUSSI, M. A. & DYTZ, J. L. G. Religião e espiritualidade no ensino e assistência de enfermagem. *Rev. bras. enferm.* v. 61, n. 3, p. 337-384, 2008.

HIRATA, H. Globalização e Divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu* (17/18), p. 139-156, 2002.

HIRATA, H. & KERGOAT, D. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

ITO, E. E., *et. al. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x Realidade. Rev.esc. enferm. USP.* v. 40, n. 4, p. 570-575, 2006.

JESUS, E. S. *et. al. Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. Rev. esc. enferm. USP,* v. 44, n. 1, p. 166-173. 2010.

LINS, R. N. & BRAGA, F. *O livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2005.

- LUCCHETTI, G. *et. al.* Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber? *Rev Bras Clin Med*; v. 8, n.2, p.154-8, 2010.
- LUCENA, I. C. B, BARREIRA, I. A. & BAPTISTA, S. S. Cinquentenário do 'Manual de Técnica de Enfermagem' (1957-2007): contribuições na construção do saber de enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* jan-mar; v. 14, n.1, p. 13-18, 2010.
- MACHADO, N. J. B. *A evolução do exercício profissional de enfermagem de 1940 a 2000 - Análise numa perspectiva histórica.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, jan. 2004.
- MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.* 9ª edição revista e aprimorada. Editora Hucitec. São Paulo, 2006.
- MEDEIROS, M., TIPPLE, A.C.V. & MUNARI, D.B. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. *Revista Eletrônica de Enfermagem.* v. 1, n. 1, out./dez. 1999.
- MEIRELLES, M. R. & AMORIM, W. M. O cotidiano dos alunos na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1949-1956). *Rev Latino-am Enfermagem*, nov-dez; v.16, n.6, p. 1005-1011, 2008.
- MENEZES, S. S.; BAPTISTA, S. S. & BARREIRA, I. A. O perfil das(os) alunas(os) de enfermagem da Escola Anna Nery: décadas de 20, 30 e 90. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*; 2(1/2): 34-48, abr./set., 1998.
- MIRANDA, L. C. *A percepção da mulher no mercado de trabalho: emprego, carreira ou vocação.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia e Finanças IBMEC. Rio de Janeiro, 2006.
- MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista *VIP Exame.* *Cadernos Pagu*, v. 16, p. 235-266, 2001.
- MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, janeiro 1999.
- Am. Enfermagem.* v. 1, n. 1, p. 11-22, 1993; ANDRADE, A. C. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. *Rev. bras. enferm.* v. 60, n. 1, p. 96-98, 2007; ITO, E. E., et. al. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x Realidade. *Rev.esc. enferm.* USP. v. 40, n. 4, p. 570-575, 2006; GALLEGUILLOS, T. G. B. & OLIVEIRA, M. A. C. op. cit.; VIETTA, E. P.; UEHARA, M. & NETTO, K. A. da S. Depoimentos de enfermeiras hospitalares da década de 80: subsídios para a compreensão da enfermagem atual. *Rev. latino-am.enfermagem.* Ribeirão Preto, v. 6, n. 3, p. 107-116, julho, 1998; SILVA A. L., PADILHA M. I. C. S., & BORENSTEIN M. S. op. cit.; e BAPTISTA, S. de S. & BARREIRA, I. A. op. cit.
- ⁵² MOREIRA, M. C. N. op. cit..
- ⁵³ FRANÇA, L. S. & BARREIRA, I. A. A enfermeira-chefe como figura-tipo em meados do século XX. *Rev Bras Enferm*, jul-ago; v. 57, n.4, p. 508-11, 2004.
- ⁵⁴ BRITO, A. M. R. 2008, op. cit..
- ⁵⁵ BARRIENTOS, D. M. S. *Mulher e Saúde: dialetizando o trabalho da enfermagem ambulatorial.* Tese de Doutorado. USP, p. 188, 2002.
- ⁵⁶ Ver: DAHER, D. V., op. cit.; e PORTO, F. op. cit..
- ⁵⁷ PERES, A. A. & BARREIRA, I. A. op. cit..
- ⁵⁸ PORTO, F. & SILVA JR., O. C. A representação da enfermeira nas caricaturas publicadas na mídia escrita. *R. de Pesq.:* cuidado é

fundamental, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1/2, p. 41-48, 1./2. sem. 2005.

⁵⁹ Ver: MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. *Cadernos Pagu*, v. 16, p. 235-266, 2001; e COLPO, J. C., CAMARGO, V. C. & MATTOS, S. A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. *Cogitare Enferm*. jan/abr; 11(1): 67-72, 2006.

⁶⁰ São exemplos de sites que contêm fantasias de conteúdo sexual e pornográfico referente às enfermeiras: (www.piadasengracadas.net/categoria/enfermeira, www.desciclo.pedia.ws/wiki/enfermeira e www.twenga.com.br).

⁶¹ LINS, R. N. & BRAGA, F. O *livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2005.

⁶² DAHER, D. V., op. cit.

⁶³ BERARDINELLI, L. M. M. op. cit.

⁶⁴ GUITTON, B.; FIGUEIREDO, N. & PORTO, I. op. cit..

⁶⁵ PEREIRA, P. F. op. cit..

⁶⁶ NAUDERER, T. M. & LIMA, M. A. D. S. op. cit..

⁶⁷ SIMÕES, J. & AMANCIO, L. Gênero e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina. *Sociologia, Problemas e Práticas*, jan., n. 44, p. 71-81, 2004.

MOREIRA A, PORTO F & OGUISSO T. Registros noticiosos sobre a escola profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista "O Brazil-Médico", 1890-1922. *Rev Esc Enferm USP*, 36(4): 402-7. 2002.

MOREIRA, A. & OGUISSO, T. *Profissionalização da enfermagem brasileira*. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2005

MOTT, M. L. Revendo a história da enfermagem em São Paulo. *Revista Pagu*. no 13, p. 327-355, 1999.

NAUDERER, T. M. & LIMA, M. A. D. S. Imagem da Enfermeira: revisão da literatura. *Rev. bras. enferm.*, v. 58, n. 1, p. 74-77, 2005.

OLIVEIRA, A. B. & SANTOS, T.C. F. Condecorações de guerra como investidura de bens simbólicos às enfermeiras febianas. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. jan./mar.; v. 14, n. 1, p. 19-25, 2010.

PAI, D. D.; SCHRANK, G. & PEDRO, E. N. R. O Enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. *Acta paul. enferm.* v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.

PADILHA, M. I. C. S., et. al. Enfermeira - a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século. *Rev. latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 4, p. 25-33, outubro 1997.

PANZINI, R. G., et. al. Qualidade de vida e espiritualidade. *Rev. psiquiatr. clín.* v. 34, supl.1, p. 105-115, 2007.

PEREIRA, P. F. *Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional*. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2008.

PERES, A. A. & BARREIRA, I. A. Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 25-38, abril, 2003.

PIRES, M. R. G. M. Pela reconstrução dos mitos da enfermagem a partir da qualidade emancipatória do

cuidado. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 41, n. 4, p. 717-723, 2007.

PORTO, F. *Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)*. Tese de Doutorado. UFRJ/EEAN, 2007.

PORTO, F. & FRANCO SANTOS, T. C. A romaria ao túmulo de D. Anna Nery (1925-1926): uma tradição inventada para a enfermagem brasileira. *Enfermeria Global*. no 7, nov., p. 1-11, 2005.

PORTO, F. & SANTOS, T. C. F. O rito e os emblemas na formatura das Enfermeiras brasileiras no distrito federal (1924-1925). *Esc Anna Nery Rev Enferm*, abr./jun.; v. 13, n. 2, p. 249-55, 2009.

_____ Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925). *Rev. esc. enferm. USP*, v. 44, n. 3, p. 819-826, 2010.

PORTO, F. & SILVA JR., O. C. A representação da enfermeira nas caricaturas publicadas na mídia escrita. *R. de Pesq.*: cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1/2, p. 41-48, 1./2. sem. 2005.

RAMBOR, A., & KRUSE, M. H. L. Os filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a enfermeira. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 28(1): 52-61, 2007.

RENOVATO, *et. al.* As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. *Trab. Educ. Saúde*, v. 7 n. 2, p. 231-248, jul./out. 2009.

RODRIGUES, T. F., PORTO F. C. & MOREIRA A. Aparentagem da imagem pública da enfermeira na revista da semana (1916-1924). *R. pesq.*: cuid. fundam. out/dez. v. 2 (supl.), p. 98-101, 2010.

ROSA, R. de M. A diferença que faz diferença. *Revista Habitus*: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, v. 1, n. 1, p.5-14, 30 mar. 2003.

ROTENBERG, L. *et. al.* Gênero e trabalho noturno: sono, cotidiano e vivências de quem troca a noite pelo dia. *Cad.*

Saúde Pública, 17(3): 639-649, mai./jun., 2001.

SAAD, M.; MASIERO, D. & BATTISTELLA, L. Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fisiátrica*. v. 8, n.3, p.107-112, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, n.16, p.115-136, 2001.

SANTOS, T., et. al. Modelos de enfermeiras nas ditaduras de Vargas e de Franco: femininas, caridosas e patrióticas. *Ex aequo*, n. 18, p. 135-145, 2008.

SANTOS, T. C. F. & BARREIRA, I. A. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. *Texto Contexto – enferm.* v. 17, n. 3, p. 587-593, 2008.

SANTOS, L. A. C. & FARIA, L. As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira. *Saude soc.* v. 17, n. 2, p. 35-44, 2008.

SANTOS, C. B. & LUCHESI, L. B. A imagem da enfermagem, tendo em conta os estereótipos: uma revisão bibliográfica. Em *Anais do 8º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*, São Paulo, 2002.

SIMÕES, S. M. F. O significado do pensar/fazer da prática do enfermeiro: uma revisão sistemática em artigos da Reben 1932-1971. *Esc Anna Nery R Enferm*, set; v. 11, n.3, p. 509-514, 2007.

SILVA A. L., PADILHA M. I. C. S., & BORENSTEIN M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. *Rev Latino-am Enfermagem* julho/agosto; v. 10, n. 4, p. 586-95, 2002.

SIMÕES, J. & AMANCIO, L. Gênero e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina. *Sociologia, Problemas e Práticas*, jan., n. 44, p. 71-81, 2004.

TEIXEIRA, J. J. V. & LEFÈVRE, F. Religiosidade no trabalho das enfermeiras da área oncológica: significado na ótica do discurso do sujeito coletivo. *Rev. Bras. Cancerol.* v. 53, n. 2, p. 159-66, 2007.

TOLEDO, J. R., et. al.; Emblemas e rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. *Esc. Anna Nery*. v. 12, n. 2, p. 243-250, 2008.

THOMPSON, E. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

VIETTA, E. P.; UEHARA, M. & NETTO, K. A. da S. Depoimentos de enfermeiras hospitalares da década de 80: subsídios para a compreensão da enfermagem atual. *Rev.latino-am.enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 6, n. 3, p. 107-116, julho, 1998.

ZIMMERMANN, A. *A escolha profissional na área da saúde: a opção pela enfermagem*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

Texto enviado em 01/12/2010. Aprovado em 02/02/2011.